IDENTIDADE E LEITURA: (DES)IDENTIFICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Clarissa Menezes Jordão, UFPR

RESUMO: este texto é uma introdução aos artigos publicados no dossiê especial da Revista X em 2008. Ele apresenta um resumo dos estudos e vivências do Grupo de Pesquisa "Identidade e Leitura" (UFPR-CNPq), autor deste dossiê. Os textos que o constituem investigam, no pensamento de autores canônicos como Paulo Freire, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Stephen Sterling, e Stuart Hall, os investimentos identitários de alunos e professores no ensino/aprendizagem de línguas e literaturas, tanto no âmbito da educação básica e na superior, quanto no da formação continuada de professores. Este texto, que introduz o dossiê, traz uma descrição crítica da formação do grupo e uma análise dos processos de construção de sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, leitura, ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

O grupo de pesquisa "Identidade e Leitura" foi criado em 2003 com o objetivo de oficializar as atividades de estudo desenvolvidas por professores em formação inicial e continuada que se reuniam na UFPR para conversar e discutir leituras. O grupo foi registrado oficialmente como grupo de pesquisa no CNPq neste mesmo ano. Desde então, participantes entraram e saíram, engajaram-se presencialmente e a distância; leituras foram e voltaram, autores nos assombraram e tranquilizaram. Desde então, construímos identificações e desidentificações, afirmamos, reforçamos, questionamos e transformamos nossas crenças e nossas práticas. Desde então, temos nos modificado constantemente, estabelecendo e rompendo relações com nossas formações discursivas.

Agora, consideramo-nos academicamente mais maduros e confiantes para enfrentar a exposição pública de nossas idéias, nossos valores e nossas identidades profissionais. Ou, se não suficientemente maduros, porque seguimos sendo sujeitos inacabados e em processo, pelo menos adquirimos agora a desfaçatez ou coragem necessárias para empreender o projeto de escritura de artigos sobre nossas leituras. Esses textos trazem nossas leituras sobre autores e conceitos caros ao grupo, autores e conceitos sobre os quais nos debruçamos literal e metaforicamente até a exaustão – nossa exaustão, evidentemente, e não dos conceitos...

Não somos especialistas nas idéias que propomos neste dossiê. Não pretendemos abordar com "rigor acadêmico" os conceitos trazidos aqui, mesmo porque não entendemos o conceito de "rigor" diante do encantamento com que nos posicionamos

diante de nossas leituras – nossa visada é declaradamente subjetiva, privilegia aspectos que nos fascinam, constrói relações inovadoras e despreocupadas da *função-autor* foucaultiana, embora a ela atreladas, evidentemente.

Evidentes também, parecem-nos, são nossos investimentos afetivos neste trabalho e em nossas relações e comprometimento uns com os outros, com nossos alunos e nossa formação profissional – e pessoal. Não sabemos manter separadas nossas vidas particulares, nossas atividades profissionais, nossa compreensão do mundo, nossos valores morais. Assim, estes textos são depoimentos, narrativas, dissertações, teses, questionamentos, certezas provisórias (algumas mais do que outras) e especulações, todos eles movimentos interpretativos em busca de interação, desafios, afirmação e desestabilização.

Mas antes de abordar a organização deste dossiê e os textos em si, é preciso permitir ao leitor entender quem somos, onde estamos e para onde pretendemos ir. Assim contextualizada, a leitura dos artigos que se seguem poderá se tornar ainda mais instigante. Proponho-me portanto, nesta introdução, a tratar também, além da estrutura do dossiê, de nossos posicionamentos e nossas identidades, de nossos enfrentamentos e conflitos, de nosso processo de aprendizagem enfim.

Quem somos

O grupo, formalmente constituído em 2003, surgiu do interesse em legitimar os estudos realizados informalmente por um grupo que se reunia na UFPR, em Curitiba, e que compreendia, inicialmente, alunas bolsistas e voluntárias de Iniciação Científica da graduação em Letras, alunas de mestrado em Letras, professoras de graduação em Letras, e professoras da rede pública estadual. O grupo se reuniu por iniciativa de uma das professoras universitárias, que transitava nos ambientes da graduação, da pós-graduação e da formação continuada junto aos professores da rede estadual, e iniciou o relacionamento entre os membros destas diferentes comunidades de prática após detectar o interesse em comum de alguns membros de cada uma. O principal atrativo para a criação do grupo naquele momento era o desenvolvimento de leituras e discussão de textos aos quais as participantes não teriam acesso isoladamente em suas comunidades específicas: foi preciso criar uma comunidade “inter-comunitária” a fim de possibilitar estes estudos e leituras.

Assim que o grupo percebeu-se com o potencial de levar adiante e além, para outras comunidades, o que inicialmente era um interesse pessoal de cada membro, surgiu a

idéia de registrar o grupo como um grupo de pesquisa. Desse modo, imaginávamos poder alcançar mais pessoas com nosso trabalho, bem como poder nos candidatar a auxílios financeiros para financiar os estudos que nos propúnhamos a fazer e seus eventuais desdobramentos.

Ao formalizar-se, o grupo formalizou também um projeto de pesquisa chamado “Concepções de Leitura na Crítica Literária e nas Abordagens de Inglês como Língua Estrangeira”, no qual se propunha a

investigar as concepções de leitura e as posições de leitor/a assumidas por alunos de língua e literaturas de língua inglesa durante as suas aulas nos Cursos de Letras, bem como estudar as relações ou descontinuidades entre concepções de leitura e leitor/a em e entre quatro áreas afins mas distintas: 1. nas abordagens de ensino de língua estrangeira no século XX; 2. nos movimentos da crítica literária no século XX; 3. na sala de aula de língua estrangeira em nível universitário; 4. na sala de aula de literaturas de língua estrangeira em nível universitário. (manuscrito do projeto de pesquisa apresentado pelo grupo a UFPR, p. 2).

O grupo partiu então de um processo recém iniciado de leituras e discussões, para a elaboração e execução de um projeto de pesquisa oficialmente registrado na UFPR em 2004, logo depois de uma apresentação da pesquisa num evento regional (CELLIP, 2003). A ótima recepção da pesquisa neste evento nos deu mais ânimo para prosseguirmos com a pesquisa proposta, o que passamos a fazer dividindo o grupo – embora não as leituras – de acordo com o contexto a ser investigado: salas de aula de língua ou literatura do curso de graduação em Letras de universidades a que tínhamos acesso, naquele momento, ou seja, uma instituição pública e três privadas, uma delas em outra cidade. Entretanto, embora realizássemos as observações de aula e entrevistas previstas por nós mesmas no projeto de pesquisa, bem como tivéssemos realizado a parte inicial das análises, não pudemos utilizar os dados obtidos integralmente em nossas pesquisas, porque várias participantes do grupo se ausentaram, alegando motivos pessoais. Assim, as pessoas remanescentes prosseguiram com o trabalho preparando e apresentando uma comunicação em outro congresso regional em 2005. Desta comunicação foi escrito um texto, em co-autoria entre as participantes do grupo e reformulado mais tarde para o formato de artigo acadêmico, finalmente publicado nos Cadernos de Letras da UFRJ em 2008¹.

¹ JORDÃO, C. M. ; MARTINS, M. L. L. ; PASSOS, J. . Concepções de Leitura e Práticas Escolares. Cadernos de Letras (UFRJ), v. 24, p. 167-179, 2008.

No início de 2006 contávamos novamente com mais integrantes no grupo: juntaram-se a nós duas doutorandas do programa de pós-graduação da UFPR, bem como uma professora da rede estadual e uma aluna da graduação em Letras. Com esta equipe, em 2006 preparamo-nos para desenvolver 3 projetos de pesquisa relacionados entre si.

O primeiro consistia num estudo teórico que embasaria os outros dois e tinha como foco aprofundar concepções de língua e suas relações com processos de construção de conhecimento, especialmente em educação e formação de professores. Para tanto, selecionamos as seguintes linhas teóricas para estudo aprofundado: 1. pós-estruturalismo, noções de discurso e poder em Foucault; 2. pós-colonialismo, formas de resistência e transformação em Said, Usher & Edwards, Fanon, Bhabha, Spivak e Hall; 3. letramento crítico, especialmente com Gee, Luke e Freebody; 4. pedagogia crítica de Freire e Giroux; 5. formação de comunidades de prática e investigação de Cross, Wenger e Cochran-Smith; 6. a teoria da complexidade de Morin; 7. teorias de desenvolvimento humano de Gillighan (modelo da integração) e Sterling (paradigma da sustentabilidade) e 8. biologia do conhecer, de Maturana. Víamos essas linhas como estando intimamente relacionadas entre si por princípios éticos e educacionais comuns, princípios que esperávamos entender melhor e mais conscientemente no decorrer da pesquisa.

Juntamente com o estudo teórico, pretendíamos desenvolver materiais para uso em comunidades educacionais (escolas públicas de ensino regular e universidades) nas quais se estabeleceriam de grupos de discussão dentro da perspectiva do questionamento conceitual, preconizada pela OSDE², grupo de pesquisadores, ativistas e professores que construíram uma metodologia conhecida como “Espaços Abertos para Diálogo e Investigação”. Essa metodologia, a ser utilizada como referência para a elaboração destes materiais, tem o objetivo de fomentar e entender o processo de engajamento discursivo, ou seja, de comprometimento dos participantes com diferentes perspectivas para a construção de atitudes reflexivas críticas em pessoas provenientes de diversos tipos de comunidades, inclusive a escolar. Ela objetiva o desenvolvimento de engajamento crítico nos participantes, entendido como o comprometimento dos participantes em questionar perspectivas e abrir suas próprias perspectivas ao questionamento, dentro de espaços abertos construídos de modo que os participantes se sintam seguros ao questionar e serem questionados. Daí o nome da abordagem e da metodologia construídas: Espaços Abertos para Diálogo e Investigação (OSDE). Tal metodologia preconiza a construção de “espaços abertos” como ambientes para debates e mudanças de paradigmas, ou seja, como espaços pedagógicos promotores de uma

² Sigla de Open Spaces for Development and Enquiry. Maiores detalhes no site <http://www.osdemethodology.org.uk>.

atitude receptiva e transformadora de procedimentos interpretativos. Ao realizar nossa pesquisa partimos do duplo pressuposto de que é possível desenvolver nos alunos, em ambientes educacionais formais, uma visão sistêmica do mundo, e de que é fundamental para um bom professor saber interpretar o mundo de maneira sistêmica. Acreditamos, com a metodologia OSDE, que para construir tal visão de mundo é primordial desenvolver uma atitude em que paradigmas diferentes possam coexistir e ser acionados pelo sujeito de acordo com sua análise das circunstâncias em que ele se encontra. Nosso objetivo específico com a pesquisa era elaborar materiais em português, inglês e alemão (já que um dos membros do grupo era professora de alemão) para uso com professores em formação inicial e continuada destas línguas. Para isso, fizemos inicialmente uma seleção de conteúdos de interesse específico para professores de língua, acompanhada das leituras e discussões desenvolvidas como parte do projeto anteriormente descrito, sobre noções de discurso, língua, desenvolvimento, poder, pedagogia crítica, letramento, sustentabilidade. Realizamos então a elaboração de unidades na estrutura metodológica construída pelo grupo OSDE (estímulo, perspectivas informadas, questões reflexivas, questões para discussão, ações e avaliação). Parte do material produzido foi pilotado em oficinas e cursos de extensão.

Nosso outro projeto, concomitante a esses dois, pretendia observar o desenvolvimento e execução de cursos de formação de moderadores de espaços abertos, espaços de discussão que, segundo a metodologia OSDE, devem ser elaborados a partir do estabelecimento de algumas regras básicas, construídas por cada grupo mas gerenciadas por um facilitador, conhecedor da metodologia e dos princípios que a embasam, a fim de levar o grupo à disposição por uma discussão engajada sobre assuntos de relevância pessoal e mundial. Para isso, propusemo-nos a investigar o processo de planejamento e desenvolvimento de 3 oficinas de extensão de 20 horas cada para professores de línguas estrangeiras: uma em português, outra em inglês e outra em alemão (as línguas com que os integrantes do grupo trabalhavam). Pretendíamos adotar o seguinte procedimento metodológico: elaboração de propostas de oficinas e planos de aula; execução das oficinas; observação de aulas; elaboração de diários de observação; aplicação de questionários de avaliação aos participantes no início, meio e final das oficinas; análise dos dados; redação de artigo científico. Infelizmente o grupo, novamente por questão de disponibilidade dos participantes, teve que abandonar este último projeto. Antes mesmo do início das pesquisas, duas participantes do grupo, Barbara Hall e Dulce Casarin, desligaram-se do grupo para dedicarem-se a estudos em outras instâncias. Entretanto, duas participantes do grupo, Letícia e Isabel, vieram mais tarde a desenvolver cursos de conversação avançada em língua inglesa em cursos de extensão para a comunidade (em 2007), e um curso para professores da rede pública estadual em formação continuada

(em 2008), utilizando parte dos materiais produzidos neste projeto e dando continuidade a ele com a produção de materiais voltados diretamente aos grupos que se formaram nos cursos ministrados por elas.

No ano de 2006 tivemos a chegada de outras integrantes, uma mestranda e uma professora de inglês recém graduada. Entretanto, ao final do ano, enfrentávamos a seguinte situação: os estudos teóricos relacionados ao primeiro projeto tinham sido desenvolvidos em parte – faltavam ainda aprofundar mais as discussões sobre comunidades de prática, teoria da complexidade e biologia do conhecer. Alguns textos sobre cada assunto foram lidos pelo grupo mas sentíamos a necessidade de alargar os nossos entendimentos especialmente nesses domínios. Os materiais a serem desenvolvidos tinham sido elaborados e testados no próprio grupo, mas não estávamos satisfeitos com alguns deles, e queríamos reformulá-los e elaborar outros materiais ainda antes de pilotá-los efetivamente. Como não tínhamos o material, não podíamos iniciar os cursos de formação de moderadores como pretendíamos no terceiro projeto. E recebemos a notícia de que no ano de 2007 a líder oficial do grupo se afastaria para pós-doutoramento no exterior. Com isso, uma das integrantes ligadas ao programa de pós-graduação da UFPR assumiu a posição de líder do grupo, uma vez que precisávamos de alguém oficialmente ligado à universidade para esta função.

O grupo continuou se reunindo regularmente em 2007, contando com a participação eventual a distância, através de ligações pelo Skype, da ex-líder. Decidimos priorizar no grupo as atividades de leitura e discussão focadas em autores e suas idéias. Seleccionamos autores que constavam de nosso projeto de pesquisa inicial que envolvia estudos teóricos sobre linguagem e epistemologias. As outras duas pesquisas propostas no ano anterior foram consideradas menos prioritárias e, com isso, acabaram sendo suspensas. Os materiais já produzidos foram arquivados em um egroup e ficaram à disposição dos participantes. No entanto, nenhuma atividade coletiva foi realizada com elas além das primeiras “testagens” do material com o próprio grupo, no ano anterior e início de 2007. No decorrer das leituras, o grupo construiu um novo projeto: a elaboração deste dossiê, que reuniria textos com nossas reflexões sobre os autores mais estudados no grupo e os desdobramentos de suas idéias em contextos de aprendizagem. Passamos a pensar então em quais autores e perspectivas considerávamos influências mais importantes em nossas visões de mundo, e concluímos que eram Michel Foucault, Stuart Hall, Humberto Maturana, Stephen Sterling, Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. Neles passamos então a focalizar nossas atenções.

Começamos este novo projeto almejando realizar um trabalho de escrita coletiva e autoria partilhada. Queríamos escrever nossos textos de modo que todos se sentissem

autores deles. Já sabíamos que não éramos os autores das nossas idéias, que dividíamos com o grupo as interpretações construídas nas discussões coletivas. Mas agora queríamos também compartilhar a autoria de textos escritos, escrever colaborativamente e construir textos que “pertencessem” a todos nós. O grupo estabeleceu que os textos deveriam todos começar por uma epígrafe, que seria uma citação do pensador que o texto estaria privilegiando, e depois iríamos discutindo os textos conforme eles se formassem. Distribuímos entre nós os autores de que cada um se encarregaria, e nos lançamos então a escrever rascunhos de textos que ficariam sob a responsabilidade de uma ou duas pessoas: estas pessoas iniciariam o trabalho de escrita, dariam a primeira estrutura aos textos e submeteriam estes rascunhos às sugestões, inserções e remendos de cada um dos outros membros do grupo. Assim, acreditávamos, poderíamos ter textos dos quais todos se sentissem autores, uma vez que todos teriam contribuído não apenas na concepção dos textos, mas também em sua redação e estruturação.

Onde estamos...

Mais fácil planejar do que executar... Enquanto o grupo preparava seus textos, tivemos a entrada de mais três pessoas do quadro permanente da UFPR, ambos professores de inglês e doutorandos, e o retorno de uma das professoras de inglês da rede estadual. A eles coube a leitura e comentário dos textos que estavam sendo rascunhados. Ao reunirmos os textos para discuti-los todos, verificamos que os autores dos rascunhos não eram autores dos “rascunhos” apenas, mas eram representados no grupo como os autores dos textos – e os que deveriam ser os outros autores dos textos não se sentiam autores dos textos cuja escrita não iniciaram, sob o argumento de que não teriam contribuído igualmente para todos os textos, que não teriam conhecimento suficiente sobre os pensadores que um ou outro texto abordava, que discordariam das posições pessoais que percebiam nos textos dos outros autores.

E isso num grupo que vem discutindo e questionando processos de construção, legitimação e distribuição de conhecimento sob a égide do pós-estruturalismo, num grupo que vem estudando processos discursivos de identificação e subjetivação a partir de perspectivas pós-coloniais. Num grupo que estabeleceu Foucault como uma das suas principais influências teóricas, que volta e meia retoma o poder-saber foucaultiano, discute processos de controle do discurso e fica indignado diante dos procedimentos de controle das instituições, diante do conservadorismo das tradições mais arraigadas, da ilusão daqueles que caem na falácia de promover a “originalidade” dos textos como um

indicativo de valor. Isso quer dizer que não aprendemos o que lemos? Que não assimilamos o que discutimos? Talvez. Mas talvez haja outra interpretação possível...

Talvez neste grupo nós não estejamos vivendo isolados do mundo; talvez nós não estejamos acima das estruturas culturais, da *centralidade substantiva da cultura* de que nos fala Stuart Hall; talvez não estejamos alheios às práticas sociais com as quais crescemos e que organizam nossas ações, nossos valores, nossas atitudes; talvez ainda nós estejamos manifestando, nesta dificuldade e recusa em partilhar a autoria de nossos textos, o reconhecimento do poder-saber, a concretude e a presença da noção foucaultiana de poder: um poder restritivo, sim, que nos impede de levar adiante nosso ideal de liberdade absoluta diante dos textos, mas ao mesmo tempo um poder produtivo, que nos leva a questionar nossas posições, a rever nossas práticas e nossas leituras – e a resignificar nossas relações com o conhecimento, com nossas (des)identificações, com nossas representações sociais e culturais. Um poder que nos leva a repensar quem estamos sendo, de onde viemos, onde estamos e para onde vamos. No momento, estamos nos vendo como uma comunidade de investigação em processo de formação continuada, cuja agência se dá tanto na educação básica quanto no ensino superior e na extensão universitária, com a formação continuada dos professores que somos e dos que recebemos no Núcleo de Assessoria Pedagógica da UFPR, no qual vários de nós atuam como docentes.

É justamente esse repensar constante, essa resignificação de nós mesmos e dos outros que vamos promovendo e que nos permite a ousadia deste dossiê.

Organizamos cada artigo em torno de nossas leituras quanto ao impacto e desdobramentos, em diferentes ambientes educacionais, de alguns aspectos do pensamento de um dos autores lidos no grupo. O primeiro texto, escrito a partir do pensamento de Freire, reflete sobre os desdobramentos de diferentes concepções de língua nas representações sobre educação e ensino de línguas estrangeiras nas escolas regulares; a partir dessa reflexão, questiona o papel que a universidade desempenha na formação inicial e continuada de professores e, em especial, sua capacidade de desenvolvimento de espaços em que novos saberes sejam resultado de um esforço colaborativo com as escolas. Este artigo vem seguido por um segundo, escrito com base no pensamento de Sterling, e enfocando questionamentos de professoras que vivenciam o conflito entre as certezas cartesianas e as inquietações pós-modernas, problematizando os processos de mudança pelos quais passamos em busca de uma percepção mais crítica dos sujeitos e da educação. O texto seguinte debruça-se nas idéias de Foucault para abordar as identificações do grupo entre si – enfocando as relações entre as línguas estrangeiras presentes no grupo e o desenvolvimento das discussões dentro do próprio

grupo; os conceitos de Foucault privilegiados aqui são os de poder/saber e vontade de verdade em situações escolares. O artigo centrado em Bakhtin enfoca principalmente a percepção de língua bakhtiniana sob a ótica da interação verbal, dialogia e polifonia na sala de aula de língua estrangeira. Por último, o artigo sobre Hall se debruça no contexto de formação inicial em cursos universitários de licenciatura, especialmente em Letras, e nos processos de construção de nossas identidades enquanto professores e futuros professores.

A ordem em que os textos aparecem é totalmente aleatória.

Para onde vamos....

Vamos pros lados, pra cima, pra baixo ou pra trás, mas vamos. Estamos sempre nos movendo, sempre aprendendo, sempre em frente. Vamos tentar partilhar com os leitores nossa experiência de construção coletiva de saberes, de troca instável de conhecimentos, de instabilidade e movimento.

Façam bom proveito, assim como fizemos nós. Ansiamos agora por novos terremotos trazidos por nossos leitores; por isso incluímos nossos emails, na esperança de sermos submetidos às saraivadas daqueles que discordam e concordam conosco, e assim podermos continuar sempre aprendendo.

Emails para contato:

Letícia Largura Martins: leticialmartins@gmail.com

Clarissa Menezes Jordão: clarissa@ufpr.br

Laura Amato: laurajanaina@yahoo.de

Eliana Edmundo: eliana.edmundo@brturbo.com.br

Dirceu de Paula: dirceujp@yahoo.com.br

Regina Halu: ehalu@yahoo.com.br

Juliana Martinez: jumartinez78@gmail.com

Juliana Passos: julicwb@yahoo.com.br